

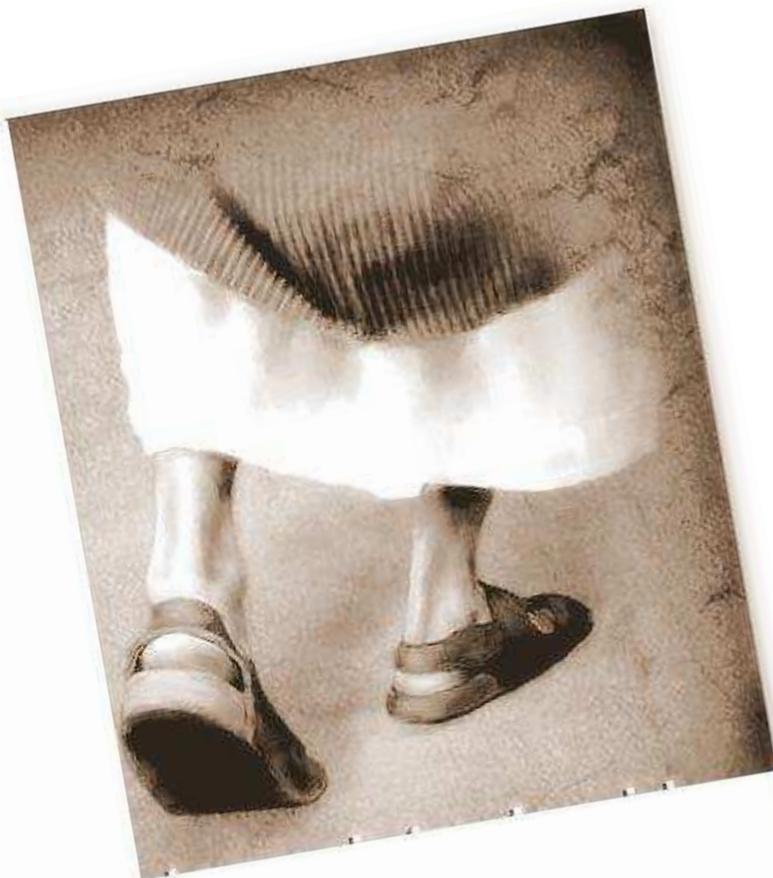


Espiritualidade e Ética Cristã

**Aplicações éticas dos princípios teológicos a partir dos
Escritos Joaninos e Paulinos**

Trabalho realizado por Tâmer Ramos da Fonseca

CVX- Brasil



“Viver a caridade leva a compreender que a adesão aos valores do cristianismo não é apenas um elemento útil, indispensável para a construção de uma boa sociedade e sim um verdadeiro desenvolvimento humano integral.” (Bento XVI, Caritas in Veritate)

Índice

Introdução	p.4
1. A vida de Jesus de Nazaré, no Evangelho de João	p.6
1.1 O Percurso da Revelação.....	p.7
1.2 A revelação vai se desvelando progressivamente.....	p.7
2. Exortações éticas: A verdadeira liberdade dos fiéis	p.9
2.1 Liberdade dos cristãos em Gl 5, 13-26.....	p.9
2.2 A liberdade é limitada pelo o amor (Gl 5, 13- 15).....	p.10
2.3 O espírito é um dinamismo interno (Gl 5, 16 -18).....	p.10
2.4 Se vivemos pelo o Espírito, andemos de acordo com Ele (Gl 5, 24 – 26).....	p.11
3. Discernimento Espiritual: uma Experiência profunda com Deus	p.13
3.1 Discernimento nos Evangelhos, nos Escritos Paulinos e nos Escritos Joaninos....	p.14
4. Algumas questões sobre a espiritualidade e a ética cristã	p.16
4.1 A liberdade humana: exigências, limites e possibilidades.....	p.17
4.2 Dimensão religiosa da ética cristã.....	p.17
4.3 A especificidade da Ética Cristã.....	p.18
4.4 O magistério da Igreja.....	p.18
5. Conclusão	p.20
6. Referências Bibliográficas	p.22

Introdução

Diante de um relativismo que se configura paulatinamente no meio social, pode-se dizer que as influências desse pensamento coloca em risco a própria fé do ser humano. Tal contexto nos direciona e nos mostra que é preciso ter uma atitude que preserve aquilo que, nós cristãos, temos como critério último a Verdade e que, de algum modo, foi revelada por Jesus Cristo. Mesmo que esta realidade apresente-se de forma irracional e intolerante, o Cristianismo, na sua potencialidade, tem a possibilidade de ser mediador e articulador, pois tem a capacidade de entrar em outras culturas e fazer uma oferta de salvação a todos os povos.

Para elucidar essa proposta cristã, e como esta se tornou universal, devemos entender como o Cristianismo se articulou com outras culturas, sobretudo nas religiões oriental e ocidental. Partindo do Antigo Testamento podemos dizer que Javé, Deus de Israel, é um Deus que se relaciona com o próprio ser humano e que tem uma presença marcante na história, pois é um Deus que transcende, vai além e acompanha a realidade de cada povo.

E no Novo Testamento, por exemplo, podemos dizer que a fé cristã revela que esse Deus mesmo entrou na história através de seu filho, Jesus Cristo. É por meio do próprio Cristo que completaram seus tempos. Podemos dizer que o cristianismo existe porque a Verdade revelada por Jesus Cristo nos leva acreditar que o ser humano pode alcançar a salvação, mostrando-nos que a mensagem de salvação é universal e que todos podem adquirir o futuro do Reino de Deus.

Em um determinado momento da história da Igreja, pode-se dizer que a influência do Antigo Testamento, marcou profundamente as convicções religiosas vigentes à época, que só passa a ter um fundamento quando estas exigências são traduzidas nos comportamentos dos indivíduos. Dessa forma, a valorização da vida moral, a importância dos ritos e gestos fundamenta uma espiritualidade que se desenvolverá nos séculos posteriores.

Hoje em nossa sociedade é muito comum as pessoas se considerarem cristãs por motivos diversos: seja por que fazem obras tão boas quanto as de um cristão - sem saber que existem nestas atitudes uma ética cristã, ou porque encontram algumas respostas em determinados ritos ou porque simplesmente acreditam em Deus.

Não basta, pois, uma pessoa ser cristã, mesmo com referências e atitudes que se denominem como tal, mesmo que as convicções sejam referentes aos de um cristão, se não teve uma experiência pessoal com Jesus Cristo. De fato, o que entra em questão são as atitudes que são assumidas, sobretudo as lutas pelas causas da justiça e da liberdade que devem ser comparadas às atitudes de Jesus.

Portanto, a Igreja, como instituição, percebe que há de se trabalhar e lutar muito por resgatar a humanidade do ser humano, isto é, levando o sujeito a ter uma experiência profunda de um amor verdadeiro e uma vida plena de sentido, que o torne capaz de perceber a intensidade dos valores evangélicos na vida cotidiana de modo dinâmico, libertador e integral.

1. A vida de Jesus de Nazaré, no Evangelho de João

No Novo Testamento, o centro da experiência de fé do Cristianismo, está na pessoa de Jesus de Nazaré, reconhecido e confessado pela comunidade primitiva como o Cristo de Deus, o Deus revelado, o Senhor exaltado.

Neste sentido pode-se dizer que, o convívio com Jesus de Nazaré, fez com que as primeiras testemunhas pudessem intuir e constatar progressivamente, de modo difícil e fragmentado, a presença da vida trinitária. São relatados os caminhos implícitos para chegar à experiência da revelação, na constante tensão entre a unidade e a alteridade do Filho com o Pai, que implica numa identidade divina que vai se desvelando lentamente, dentro de um segredo messiânico, e não acontece a qualquer momento, porque compreende e respeita a crescente maturidade dos interlocutores.

No Evangelho de São João, conhecido como o Quarto Evangelho (QE), a divindade de Jesus, e a relação entre o Pai e o Filho, vão sendo reveladas e questionadas, num contexto sempre polêmico e repleto de conflitos. No texto deste Evangelho, percebemos o esforço de formular na vivência da relação com Jesus o testemunho que influi nos rumos da fé e sua posterior reflexão. Há uma tensão dialética entre o Jesus histórico e o Senhor exaltado: *O filho do carpinteiro, aquele que morreu na cruz, é o mesmo que ressuscitou, glorioso, com poder e autoridade divina, o Cristo da fé, aquele que é confessado pela boca das testemunhas.* (Bingermer, Feller, 2009).

De acordo com Konings (2005) *o Evangelho de São João apresenta uma narrativa contínua, com estilo homogêneo e expressões que se repetem exaustivamente, pois introduz e confirma os fiéis na celebração do Mistério de Jesus Cristo.* É um processo de maturidade de fé. Com uma narrativa repleta de diálogos progressivos no sentido da revelação, onde Jesus mesmo é o revelador, que ensina o que Ele faz e que permanece junto ao Pai.

Dessa forma, podemos dizer que O Quarto Evangelho deve ser lido como um testemunho apostólico de que Jesus é o Messias e o Filho de Deus, e que o apresenta como grande Enviado do Pai, conduzindo o leitor por um itinerário da fé, com articulação de revelações e exigindo uma atitude de perseverança.

1.1 O Percurso da Revelação

O percurso da revelação e da confissão de fé, não é simples e nem direto. Jesus de Nazaré pertencia a um contexto semita, com uma religião fortemente estabelecida segundo uma lei rigorosa, com uma concepção de um Deus criador e libertador, fruto da experiência religiosa e da tradição do povo judeu, desde o Êxodo, com grupos religiosos fortemente organizados detentores de autoridade perante o povo, como os sumo-sacerdotes, os fariseus, os saduceus e os doutores da lei. A organização da vida e o comportamento social e comunitário eram rigidamente estabelecidos e respeitados por todos.

Em Israel era comum a existência de profetas, taumaturgos, mestres com discípulos, mas ninguém ousava se colocar acima dos Patriarcas e muito menos num patamar divino. O povo aguardava um Messias, enviado por Deus, da estirpe de Davi, um rei, para provavelmente restaurar a monarquia, que concebiam de forma terrena, queriam a liberdade política, econômica e social. E Jesus vem anunciar a liberdade de espírito, a presença de Deus encarnado na terra, o Verbo enviado do Pai.

7

1.2 A revelação vai se desvelando progressivamente

Pode-se dizer que é neste contexto semita que a revelação vai se desvelando progressivamente, pois a identidade de Jesus como Messias, Cristo, Filho, Deus, não pertence ao terreno das evidências, e nem é fácil de ser percebido pelos que conviviam com Ele, mesmo aqueles mais próximos. É enigmático e escandaloso porque exige perceber naquele homem de carne e osso, a revelação do próprio Deus. O comportamento e o discurso de Jesus não deixam ninguém indiferente, divide opiniões, causa fascínio, medo, ódio, etc. As respostas de Jesus sempre inexplicáveis e ambíguas, não deixam seus ouvintes tranquilos e os leva a novas perguntas e, também, a novas respostas.

As reações eram as mais variadas possíveis, os judeus ficavam confusos, a maioria dos fariseus e dos saduceus o consideravam um blasfemo, que se dizia Filho de Deus, ou Deus mesmo, maior que Abraão. A multidão por vezes murmurava e se dispersava, os doze permaneciam ao seu lado, assim como os agraciados com suas curas, como o cego de nascença.

Portanto, podemos dizer que aqueles que conviveram com Jesus tiveram vários tipos de questionamentos e alguns foram descobrindo, na sua humanidade, a sua divindade. À medida que foram experimentando na sua relação, na sua humanidade fraternal e solidária, com seu ensinamento cheio de amor e autoridade, perceberam a revelação de Deus. Conviveram

interpelados por essa diferença, até chegar à confissão de fé de que aquele Jesus, que viram, ouviram e tocaram era verdadeiramente o Filho de Deus e Deus mesmo.

Por fim, podemos concluir que a pessoa de Jesus de Nazaré nas suas assertivas sobre o Deus-Abba, sobre ser O Filho de Deus, gera uma situação de tensão crescente até chegar à situação que o leva a cruz. Neste sentido, os religiosos da época, entendem que o seu comportamento, aliado a seu discurso é um ato diabólico por ser uma pessoa humana se colocando como Deus.

Dessa forma, já havia o relato pré-pascal, de que o Pai o ama, e sua atitude de despojamento da vida para retomá-la em seguida (Jo 10,17-18). Neste caso podemos perceber que o Quarto Evangelho, nos mostra que Deus se revela em Jesus, na sutileza e na simplicidade das coisas, por exemplo: no diálogo com a samaritana (Jo 4,24); na promessa que o próprio Jesus faz aos seus discípulos com relação ao envio do Paráclito, que é o Espírito da Verdade, para os acompanhar na sua ausência física (Jo 14,15-18); o Paráclito, o Espírito Santo, será enviado pelo Pai, em nome de Jesus, para ensinar e recordar (Jo 14,20). É o próprio Paráclito que virá, quando Jesus for para o Pai, aqui ele já articula a dinâmica trinitária da salvação (Jo16,4-15).

É interessante perceber que diante da prisão, condenação e morte de Jesus, seus seguidores silenciam e se dispersam, as testemunhas se calam, e aparentemente sua pessoa e seu projeto são fracassados e destruídos. Mas no Evangelho de João está relatada a intuição progressiva sobre a verdade da cruz, feita pela comunidade cristã nascente, no relato da entrega que o Filho faz de si mesmo ao Pai (Jo 19,30), a entrega que o Pai faz do Filho (Jo 3,16), e a entrega do Espírito por parte do crucificado (19,30).

O Espírito Santo é a testemunha que o evento da cruz é um ato que se desenrola em Deus e não fora dele. A cruz é a história trinitária de Deus. A unidade do Filho que se entrega, do Pai que o entrega, e do Espírito entregue pelo Filho acolhido pelo Pai. A Trindade é outro nome da nossa salvação.

Neste sentido podemos ver que o sofrimento de Deus é afirmado pela teologia, mas não é como em nós, fruto da imperfeição ou do pecado, ou seja, o sofrimento de Deus é o amor, feito de atividade e passividade, que mergulha no meio do sofrimento de um mundo de pecado, violência e injustiça. Deus sofre e passa pela morte, sem ser por ela destruído. O Filho morre abandonado, O Pai sofre a morte do Filho, o Espírito é silenciado, e é doado por ambos, dado pelo Pai ao Filho e recebido do Pai pelo Filho.

Na ressurreição temos o querigma que é experimentado pelas primeiras testemunhas do evento como experiência de graça. O Cristo da fé é totalmente integrado ao Jesus histórico, confessado pela boca das testemunhas.

Daí é importante dizer que as primeiras comunidades e os evangelistas encontraram formas indiretas para vislumbrar a identidade de Jesus Cristo, confessado como Filho de Deus e Deus mesmo. As pessoas que conviveram com Jesus de Nazaré tiveram uma experiência feita de luzes e sombras, cada vez que defrontavam com aquele homem diferente de todos e com o Deus que ele chamava de Pai. E neste caso, o selo dessa *revelação é o Mistério Pascal, a morte e ressurreição de Jesus Cristo*, quando o Pai ressuscita Jesus e o manifesta como Filho de Deus.

2. Exortações éticas: A verdadeira liberdade dos fiéis

Ao ler a carta aos Gálatas, nós, cristãos de hoje, somos convidados a uma séria revisão: onde está a motivação fundamental que dirige a nossa vida cristã? Numa série de observâncias mecânicas de leis e ritos? Ou no compromisso com Jesus Cristo, que se realiza através do amor responsável e criativo? Desse modo pensando nesta oposição que Paulo faz entre o julgo da lei e a obra de Cristo (Gl 5, 4), isto é, nos alertando que a lei pela lei não tem sentido se as obras, por meio da Fé em Cristo, atuando na caridade, fazem parte de nossa vida.

2.1 Liberdade dos cristãos em Gl 5, 13-26

O texto de São Paulo aos Gálatas nos ajuda a refletir sobre a liberdade dos cristãos. É um texto que nos chama a atenção para pensarmos a qual liberdade ele se refere? De que e para que serve? Diante desse texto vejo que Paulo nos mostra uma liberdade que é madura e consciente graças ao bom uso da liberdade. Segundo Ele, a vida do homem não deve ser determinada por um código de leis, mas por um compromisso pessoal e íntimo com Cristo, que está presente no profundo do ser humano (Gl 2,20). A liberdade, neste sentido, é conduzida pelo amor a si mesmo e aos outros, amor que é compromisso ativo com o crescimento do outro (Gl 5,6. 13-14).

No entanto, ligado a Cristo pela fé e animado de seu Espírito, o homem deve desabrochar em boas obras; mas estas realizadas pela força do Espírito (Gl 5, 22- 25), não são mais aquelas obras da lei nas quais os judeus, orgulhosamente, depositavam sua confiança, pois agora estas leis são acessíveis a todos os que creem, até mesmo aos que vieram do paganismo (Gl 3, 6 -9. 14).

Neste sentido Paulo, traz uma reflexão sobre o homem se ele voltasse à circuncisão se ele renunciaria a liberdade dada pela fé em Cristo (cf. Rm 6, 15). Nisto a lei e a fé não poderiam se conciliar, isto é, circuncisão + lei, ou Cristo + Espírito, obras ou fé (1 Cor 7, 19). A grande questão não é estar circuncidado ou incircunciso, mas a fé que é um dinamismo que leva ao amor. Amor

este que são frutos que brotam da fé, não como mérito, em virtude dos quais o homem se salva por suas forças. A fé ativa a caridade, isto é, o exercício da caridade manifesta a fé que deve ser viva.

Diante desse contexto Paulo faz uma comparação típica, pois segundo Ele quem não segue ao Evangelho pode se corromper totalmente até, como uma pitada de fermento. No entanto, quando Paulo, mesmo que de forma subtendida, mostra que os que não obedecem a verdade (são agitadores e são a minoria), não mudarem as atitudes, podem arcar com as próprias consequências.

Desse modo Paulo ressalta, ainda, que a responsabilidade é assunto pessoal, cada um deve examinar sua conduta. Portanto, esse é o fardo do homem, responder por suas ações, no que ninguém pode substituí-lo. Por isso, Paulo clama por não deixarmos de fazer o bem, pois quem planta o bem colherá sempre o bem. Aqui Paulo faz uma alusão entre carne e Espírito. Quem semeia na carne colherá corrupção e quem semeia no Espírito, colherá vida eterna. Aqui fica claro que Paulo faz uma projeção escatológica do exposto, isto significa que no terreno onde brota corrupção, o Espírito não vivifica. Já no terreno do Espírito onde brota vida perpétua, é definitiva, ou seja, as obras inspiradas no Espírito de fé e amor não são inúteis e nem há frustração.

2.2 A liberdade é limitada pelo o amor (Gl 5, 13- 15)

Nas cartas aos Gálatas, Paulo reforça a questão da liberdade. Segundo ele para nos mantermos livres é preciso sermos firmes, pois a liberdade é limitada pelo amor mútuo, síntese de toda a lei: *Amarás o teu próximo como a ti mesmo* (Lv 19, 18). A liberdade, nestes textos, não é uma liberdade “negativa”, ou seja, a ausência de obrigações ou de responsabilidade ou mera *liberdade de*. Trata-se da *liberdade para*, isto é, de quem sabe que aos direitos correspondem deveres e ao direito de filho corresponde a responsabilidade sobre a casa e o patrimônio. A casa e patrimônio de Deus e dos filhos de Deus é a comunidade. Liberdade, então, equivalerá à responsabilidade, fraternidade e cidadania cristã.

2.3 O espírito é um dinamismo interno (Gl 5, 16 -18)

Nestes versículos, vemos claramente como se opõem os dois princípios de ação, a carne e o espírito (cf. Rm 5, 5). Paulo falará que aquele que se deixa conduzir pelo espírito, viverá espontaneamente segundo o espírito. Paulo não diz: ou lei ou libertinagem, mas sim ou lei ou Espírito. Para ele O espírito é um dinamismo interno (Rm 8, 14 a lei é externa) e é mais exigente

que a lei. Pode-se dizer que a lei espiritual é exigente porque seus conteúdos procedem de Deus, ao passo que ao contrário, pela força do instinto, vende-se ao domínio do pecado. Paulo ainda é mais radical quando ressalta que quem se deixar ser guiado pelo espírito, não estará sob a lei.

2.4 Se vivemos pelo o Espírito, andemos de acordo com Ele (Gl 5, 24 – 26)

Nesta perícopé Paulo nos ajuda a entender melhor o sentido e de que forma podemos viver no Espírito. É bem oportuna a frase de Paulo: *se vivemos pelo Espírito, se somos Espíritos, devemos nos interessar, principalmente, pelas coisas do Espírito*. Daí é importante ficar em permanente vigilância, para que os frutos do Espírito se multipliquem em nós. Os que são de Jesus crucificam suas paixões, pois não dá pra satisfazer a carne e o espírito ao mesmo tempo.

Precisamos nos dar conta que se vivemos pelo Espírito devemos mudar nosso comportamento, nosso modo de vida, nossa mentalidade. Deus quer que tenhamos um coração livre e transformado. Temos que cultivar o perdão, a alegria, a paz, a honestidade, o amor e a autenticidade.

Se nós fomos criados para uma vida no Espírito, para sermos combatentes entre os desejos da carne e as necessidades do Espírito, então deixemo-nos guiar por Ele. Paulo enfatiza que não devemos nos tornar escravos do pecado. O pecado vai dominando nosso comportamento e estabelecendo um modo destorcido de vida que nos torna pessoa desequilibradas. Se semearmos no Espírito, colheremos a vida eterna; se semearmos na carne iremos colher as obras da carne.

Ao fazer a análise da epístola de Gálatas, Paulo nos traz elementos significativos sobre o que é liberdade. Paulo faz uma seção conclusiva sobre as aplicações éticas dos princípios teológicos previamente estabelecidos, ele escreve: *“não usem a liberdade para dar ocasião à vontade da carne”*. O tipo de liberdade que Cristo dá não é liberdade para pecar.

Ao invés de usar sua liberdade como um pretexto ou trampolim para a sua natureza pecaminosa, eles devem *“servir uns aos outros mediante o amor”*. O significado literal aqui é serem servos ou escravos uns dos outros. Após dizer aos gálatas para *“permanecerem firmes”* na sua liberdade em Cristo, Paulo não está agora se contradizendo ao dizer que deveriam se tornar escravos num sentido de escravidão à lei. Cristo nos libertou de um tipo de cativo que é pesado e opressivo, e que resulta em morte, e não em vida. Portanto, Paulo ainda continua: *“Toda a Lei se*

resume num só mandamento: “Ame o seu próximo como a si mesmo”“. Para isso, Paulo nos alerta que devemos “viver pelo Espírito” (Gl 5, 16) ou sermos “guiados pelo Espírito” (Gl 5, 18), ou “andarmos pelo Espírito” (Gl 5, 25).

Dentro dessa realidade, vejo que fazer um discernimento espiritual nos ajuda a termos uma experiência profunda com Deus. Penso que requer de cada pessoa uma disponibilidade e uma liberdade interior para ouvir atentamente os apelos de Deus por meio das orações. Por outro lado aprender a discernir a vontade de Deus, nem sempre é tão simples, pois é preciso cultivar uma atitude fundamental de liberdade diante das coisas. Também é aprender a se colocar numa atitude de busca, mesmo depois de ter “descoberto” a vontade de Deus.

Para mim este discernimento sobre a liberdade cristã é um passo de grande conhecimento interior e amadurecimento para acolher o projeto do Reino de Deus, ou seja, pode-se dizer que é uma experiência real e concreta para serem aplicadas na vida. Percebendo uma melhor ação quando o ideal nos move, quando a nossa “liberdade para” tem um sentido, um sentido maior para a nossa atuação no mundo.

Na vida Espiritual é importante nos deixarmos levar, sem medo algum, para onde somos conduzidos, isto é liberdade. É confiar plenamente sem medo, na Força de Deus, colocando-se à disposição do Pai, mesmo que seja num clima de tranquilidade e quietude, mas num clima sempre de movimento e nunca estático. Movimento de luta e de liberdade, uma que nos aprisiona e que nos escraviza e outra que nos conduz ao verdadeiro amor de Deus, nos tornando livre.

Neste caso, um dos meios para identificar aquilo que nos trazem paz profunda que nos orienta para Deus ou aquilo que nos afasta dele, é perceber sinais que nos trazem características de Bom Espírito (espírito de vida, de amor...) ou de Mau Espírito (espírito de morte, de comodidade). Desse modo, podemos dizer que a ação do Bom Espírito coopera com as boas tendências, facilita na realização do serviço divino, enquanto as ações do Mau Espírito contribuem para a não realização do serviço de Deus, conspira contra as inclinações boas da natureza.

3. Discernimento Espiritual: uma Experiência profunda com Deus

Falar sobre **discernimento** pressupõe conceituá-lo com o sentido mais comum da palavra: *discriminar, distinguir, separar o que é bom e mal, apreciar*, entre outros. Podemos dizer que esta palavra discernimento vem do latim *cernere* (separar, perceber), também nos indica que é algo que nos move *para*, isto é, nos torna sensível às realidades, suscitando movimentos internos e externos, diante daquilo que vemos ou sentimos.

Certo dia um nobre cavaleiro, hoje conhecido como Santo Inácio de Loyola, que fora gravemente ferido por uma bala de canhão numa batalha, passou por um longo período de convalescença. Durante este tempo, procurou ler livros e começou com a *Vita Christi*. Entusiasmado com o testemunho heroico dos santos, *os exercícios espirituais* daí então, decide imitar sua vida austera.

Aos poucos encontrou sua liberdade espiritual e refletindo sobre o que se passava no seu íntimo, foi percebendo que os pensamentos sobre Deus e sobre os santos custavam a entrar no seu coração, mas depois o deixavam contente e com muita paz.

No entanto, as vaidades do mundo entravam facilmente, mas depois o deixavam frio e descontente. Inácio começou então a ter a experiência de *discernimento espiritual*, isto é: saber distinguir entre a ação de Deus nele e a influência do mal e da própria fraqueza humana, forças que na terminologia da espiritualidade inaciana são denominadas *moções*.

A partir de então, Inácio sente a necessidade de se retirar e ir para um lugar chamado Manresa. Neste ambiente, passa a fazer anotações sobre sentimentos que tinha durante suas meditações e contemplações. Após esta experiência, Inácio sentiu-se movido e inspirado a partir dos sentimentos brotados, ele refletiu, meditou e contemplou, daí surgiu a necessidade de buscar uma vida de conversão e a entregar-se para Deus.

Desse modo, podemos dizer que o *discernimento inaciano dos espíritos* nos ajuda a combinar, a nos mantermos vigilantes nas situações externas com os nossos sentimentos internos (moções: sentimentos de consolação e desolação), isto é, estar atentos aos “sinais” de Deus e encontrar o que Ele nos pede. Para acolher a vontade de Deus, devemos ter liberdade e também saber escutá-lo.

A escuta atenta na oração é importante, pois é o que nos vai dar a capacidade de nos lançarmos às águas mais profundas, mediante a realidade conflituosa, que muitas vezes vivemos.

Então, dentro desses movimentos interiores que vão surgindo, é necessário buscar aquilo que é mais presente e mais forte, até porque é o que vai dar um sentido e uma direção em nosso caminho.

Durante os exercícios espirituais é importante saber discernir as origens das moções, buscando integrá-las à vontade de Deus na vida cotidiana. Sem dúvida, é ter uma sensibilidade aguçada para acolher a palavra de Deus e perceber onde é que há consolação no seu percurso, isto é, onde me orienta e me leva ou onde é que a desolação na sua trajetória quer chegar ou me levar. É neste trajeto que os sentimentos internos brotados na oração conduzirão cada pessoa a alcançar a sua própria liberdade, sobretudo para realizar os desígnios do Pai .

De algum modo, para buscarmos a vontade de Deus pressupõe-se *deixar ser conduzido* pelos anseios de Deus Pai e que, muitas vezes, não entendemos por onde Ele quer nos conduzir. Para que isso aconteça, requer-se certa ousadia frente à liberdade interior de cada indivíduo.

Diante destas perspectivas, há de se convir que uma das dificuldades que surgem na oração é reconhecer, claramente, se estamos caminhando na direção em que o próprio Deus atua. Daí então, devemos ter claro conhecimento de que Deus nos ama, e quer que participemos de sua vida. Ao estarmos convictos disso é necessário confiança em Deus e de que todo temor é contrário aos desígnios de Dele.

3.1 Discernimento nos Evangelhos, nos Escritos Paulinos e nos Escritos Joânicos

Os livros sinóticos, por sua vez, nos mostram claramente que Jesus com suas atitudes, palavras e gestos, revela-se como um grande sinal de Deus. A revelação de Deus em Jesus não se impõe, ao contrário respeita a liberdade do homem. Para isso requer discernimento para reconhecer na pessoa de Cristo a força do Espírito Santo. Neste caso, *Jesus se apresenta como objeto fundamental e essencial do discernimento espiritual. E como critérios para o discernimento são oferecidos a humildade, a simplicidade, a correção fraterna, o amor ao próximo, em particular os pobres (cf. Mt 25, 31-46).*

Segundo os Evangelhos, *para discernir a vontade de Deus é preciso que o homem ao aceitar Cristo na fé, renove a sua própria mentalidade, mudando-a de terrena e carnal para espiritual.* Neste sentido a condição indispensável para o discernimento no novo testamento é a experiência interior e de comunhão com Deus. No entanto, vejo que esta experiência se aplica à própria vida de Santo Inácio, pois este teve a experiência concreta do amor de Deus, aderindo ao Senhor Jesus

Cristo participando assim na sua vida e na realização da sua missão, buscando uma união mística e amorosa com o Senhor.

Desse modo, São Paulo enfatizará que para discernir o verdadeiro sentido da vontade de Deus, é preciso entrar em uma relação de intimidade com Deus, amá-lo, perder-se nele. Paulo vai para uma linha de discernimento verificando a autenticidade vivida, indicadas e realizadas mediante o confronto com o Cristo. Em todo o caminho ele será acompanhado pelo o Espírito que o ilumine e o sustente. Ele ainda nos recomendará que é preciso examinar todas as coisas, indicando um comportamento fundamental: *“em todas as circunstâncias discernir a vontade de Deus, escolhendo o bem e rejeitando o mal” (1 Tes 5, 19- 22)*.

Pode-se dizer que a contribuição de São Paulo quanto ao ato concreto do discernimento se refere aos atos complexos, divinos, humanos, pessoal e eclesial. Desse modo, Paulo não nos oferece uma técnica de como proceder com o discernimento, mas nos indica um caminho criterioso e exigindo um empenho da parte do homem para criar condições de uma acolhida real.

Inácio nos chama a atenção na terceira regra da primeira semana: *que todos os sentimentos de consolação espiritual, isto é, quando se percebe que numa determinada circunstância, esta consolação aumenta, expande a fé, a esperança e o amor (EE 316)*. Santo Inácio chama isso de consolação, quando há um aumento da fé, esperança e caridade, bem como toda a alegria interna, que chama e atrai para as coisas celestes e para a salvação da própria pessoa, purificando-a.

Sendo assim, o objeto do discernimento moral dos cristãos; segundo São Paulo, a realidade central a ser compreendida e discernida é a vontade de Deus. Assim em Filipenses 1, 9-11, Paulo fala de uma caridade que cresce em conhecimento para discernir o que é preciso fazer. No entanto, ele nos convida a perceber que o dinamismo da caridade inclui toda a nossa vida e nos chama a descobrir em cada acontecimento a sua ligação com o desígnio de salvação a cada qual, cada um deve colaborar.

O Evangelho de São João consiste numa experiência interior do Espírito de Deus que é comunicação da experiência espiritual, nós conhecemos a autenticidade da nossa relação com Deus (1 Jo 3,24). Para João o verdadeiro discernimento acontece na cruz do verbo encarnado, portanto é exatamente na prova que a fé cresce e desenvolve no coração do homem a confiança e a humildade (1 Jo 2, 14. 20-21). Tal discernimento tem como pano de fundo o grande combate entre os filhos do diabo, em que o combate culmina na história de Jesus e continua na Igreja.

É o discernimento diante do qual nos coloca a meditação inaciana das duas bandeiras. Desse modo, este discernimento que tens dimensões universais só pode ser exercitado em um coração com a disponibilidade em fazê-lo. Só quem tem o coração puro pode pretender conhecer a Deus e a sua vontade. Inácio, neste sentido, contribui dizendo que para buscarmos a vontade de Deus temos que ter ânimo e disponibilidade de acolhe-lo, para isso, segundo ele, pressupõe cultivar uma atitude de liberdade diante das coisas, pois tudo é passageiro, efêmero, exceto Deus.

Por fim, pode-se dizer que o Evangelho de São João mostra o discernimento como algo sintético e global. Daí uma necessidade de uma experiência interior, de comunhão com as pessoas divinas, colocando junto valores como confissão dogmática, autoridade da igreja, fidelidade concreta à caridade, necessidade de uma experiência interior.

4. Algumas questões sobre a espiritualidade e a ética cristã

Até agora vimos que ser cristão exige uma radicalidade que se manifesta, por exemplo, no amor ao próximo. Essa é uma das condições que Jesus propõe. Não é uma tarefa fácil, ainda mais quando assumimos este cristianismo em nossa vida, pois para alcançar esses objetivos, passamos por várias dificuldades, pois não é simples seguir esta proposta.

Se por um lado a exigência de viver o mandamento do amor ao próximo, como o próprio Jesus colocou: *Amai-vos uns aos outros como eu vos amei (Jo 15, 12)*, desafia-nos nestes tempos; por outro o que mais nos motiva é saber que é neste caminho que Deus nos dá a força necessária para buscar o amor e termos um coração compassivo para com o próximo. E isto se dá em todos os momentos da vida, onde sempre é Deus que nos sustenta, apesar de termos dificuldades em perceber as graças que Ele nos dá.

Diante desta realidade Carvajal (1992:100) propõe que *“o cristianismo é uma opção pessoal. Não há uma espécie de convênio coletivo que recolhe todos os homens bons, só pelo fato de serem bons, quer queiram, quer não. Se tornarmos suficientemente abrangente a palavra “cristão”, a ponto dela se transformar em sinônimo de “homem justo”, ou tornarmos abrangente a palavra “oração”, a ponto dela se identificar com a vida etc., teremos transformado a linguagem em algo inútil.*

Para desmistificar essa perspectiva, de que a moral seria apenas algo como normativo e não libertário, Azpitarte (1995) aponta que, *a partir do evento da revelação, sobretudo na pessoa de*

Jesus, passa a despertar em muitas pessoas um novo movimento e novo entusiasmo nos critérios básicos pautados na conduta cristã, levando-os a um estilo de vida em concordância com a radicalidade do Evangelho.

Para ele o mais característico numa crise atual é o forte sentimento de rejeição provocado pelo simples ideal de moral, devido ao acúmulo de normas, ordens, proibições, leis impostas que vão contra as tendências naturais. Daí então é necessário reconhecer que algumas críticas têm base real e objetiva, pois a moral, em um determinado contexto, tinha sido tão caricaturada vista de forma ilícita ou pecaminosa, como um peso e apenas regras estabelecidas para que todos pudessem cumprir normas.

Neste ponto Azpitarte (1995) nos alerta que *é importante defender os bens e valores fundamentais do ser humano e da sociedade na qual o ser humano vive e que esses valores não só defendem a dignidade da pessoa, mas sim examinam quais são os comportamentos concretos que promovem ou a degradam.* Desse modo a ética normativa nos ensina o que é normalmente justo, no decorrer da história. E o autor, ainda, salienta que *essa ética requer uma reflexão feita pelo próprio indivíduo para aplicá-la em cada caso e em cada situação pessoal.*

4.1 A liberdade humana: exigências, limites e possibilidades.

O conceito de liberdade tem origem primária, como desejo de autonomia diante das estruturas sociais que aprisionaram o indivíduo de vários modos. Portanto, a vida ética não deve se fundamentar no “ser obrigado a” da coação e da sujeição à força, mas no “dever” que nasce e é aceito mediante a autodeterminação do próprio destino e, sem a liberdade, haveriam realidades impostas na vida das pessoas.

4.2 Dimensão religiosa da ética cristã

Podemos dizer que é a pessoa que deve buscar seu projeto ético, descobrir os caminhos concretos para a sua realização e sentir-se vinculada pelos imperativos de sua consciência. Para Azpitarte (1995) a moral poderia também ser definida, em nível cristológico, como a ciência que nos ajuda e conduz à cristificação progressiva. Seguir Jesus é viver o radicalismo do amor, que nos leva a entregar a vida pelos outros, mas já insiste também em que semelhante atitude não exige a pessoa de procurar, mediante o esforço e a razão, as formas concretas de traduzir esse *ethos* evangélico.

4.3 A especificidade da Ética Cristã

O sentimento de identidade é processo necessário não só para o amadurecimento e o equilíbrio do indivíduo, mas também para a coesão e a sobrevivência de qualquer grupo.

Quando se fala da especificidade da moral, a reflexão centra-se geralmente em saber se alguns valores éticos ou certas normas de conduta são exclusivos com a vida do crente. Para Azpitarte (1995) *é pela fé que a ética recebe a energia criadora do amor sobrenatural, que radicaliza com mais força as exigências de qualquer ética humana. Assim o desejo de responder ao chamado de Deus e de seguir a Jesus não diminui, mas aumenta e fortalece o entusiasmo da realização como pessoa.*

Viver como cristão, segundo Azpitarte (1995) *supõe uma vida autenticamente humana, e isto implica ser uma vida mais próxima de Deus. Se a fé não muda os valores éticos, produz um novo estilo de vivê-los em clima de liberdade e de relações familiares com Deus.*

4.4 O magistério da Igreja

Todo o grupo religioso tem necessidade de uma autoridade para a defesa da interpretação de sua doutrina e a mensagem de Jesus deve ser transmitida na íntegra aos seus fiéis. Por isso, todo fiel deveria ser sensível às suas declarações, como sinal relevante que obriga rever suas atividades anteriores. O magistério é um elemento que forma parte da dimensão religiosa da moral, já que a sua existência pertence ao mundo da fé, e a sua autoridade não nasce como a de qualquer outro grupo humano.

Sabemos que o magistério provoca certa rejeição por parte dos fiéis, mas que a voz do magistério se torna profética, nos levando sempre a um sério convite à revisão de opiniões. Sua tarefa, neste sentido, é tornar presente em nosso mundo a mensagem evangélica que cada dia é mais difícil em nossa realidade.

Dentro desse contexto o membro de uma Comunidade de Vida Cristã, por exemplo, deve ser *uma pessoa que colabore com a missão de Cristo, segundo sua própria Vocação na Igreja* (Carisma CVX, 2005:48). Para isso é importante fazermos uma opção de vida radical e simples. Daí é fundamental termo explícito qual é o projeto que devemos realizar em prol do Reino?

No Carisma da CVX onde fala da dimensão vital da missão (2005:68), o documento propõe que *ser cristão supõe ser discípulo, e, portanto haver recebido a missão profética, uma missão que terá*

muitas facetas. Talvez a mais importante seja comunicar esperança e sentido de viver para os homens e mulheres de nosso mundo. Sem dúvida, em muitos casos supõe-se denunciar e falar com dureza como consagrados na verdade. Isso supõe uma maneira de viver, um estilo, um modo de enfrentar os desafios nos distintos âmbitos, familiares, sociais, políticos, profissionais etc. Porém não basta estar n'Eles, há que estar como profetas, para anunciar com gestos e com palavras a presença do Reino de Deus.

Hoje sinto que um dos desafios em pertencer a uma Comunidade de Vida Cristã (CVX) é estar disponível ao chamado de Deus em todas as instâncias, levando a Boa Nova a todas as pessoas. Acredito que esses apelos não sejam apenas para aqueles que estão engajados em comunidades, mas também para aqueles que sentem o desejo de realizar este projeto.

5. Conclusão

A dúvida que surge é, exatamente, como distinguir o que é ser cristão, e quais são os desafios na realidade de hoje. De fato, a nossa sociedade, é pluralista e secularizada. O fato de estarmos em uma sociedade plural e diversificada com pensamentos e atitudes distintas não é ruim, o que talvez nos incomode é não sabermos lidar com as mudanças que estão postas em nosso cotidiano. Temos a impressão que os valores de antigamente eram mais respeitados e acolhidos por muitos cristãos e, hoje, devido às mudanças, a nossa sociedade tem poucas referências de valores.

Carvajal (1992:101) afirma que *o cristão não se diferencia dos demais pelas obras exteriores que realiza, e sim por sua interioridade de crente: por sua fé em Jesus de Nazaré. Esse é o específico cristão (...), portanto cristão é aquele que ama, mas aquele que ama com uma referência: “Como vos amei”.*

Neste trabalho percebi que discernir é algo que é tão presente na vida e fazemos a todo instante. Sem dúvida, esta análise vem de pessoas que tiveram experiências concretas e que perceberam que discernir foi imprescindível no campo da evangelização, da missão, ou até mesmo o jeito de ver o mundo.

Além deste trabalho utilizar fundamentos bíblicos, vejo que discernir é agir, percebendo a vontade de Deus em todas as coisas. E isso me motivou, de algum modo, a perceber que discernir é uma atitude tão presente nas sagradas escrituras, mas que, muitas vezes, não damos muita atenção ou não agimos com atitude mais criteriosa, pois não nos permitimos e não nos entregamos verdadeiramente à vontade de Deus.

A partir da experiência de Santo Inácio, vejo que ele foi muito feliz em compor os exercícios espirituais sobre as experiências vividas pelos santos e até mesmo fundamentando-os através das sagradas escrituras, os elementos essenciais a cerca do discernimento. Portanto, os Exercícios Espirituais são instrumentos que ajudam pessoas que exercem trabalhos pastorais a desempenharem melhor a missão que assumiram, bem como *“nos benefícios para a qualidade da vida cristã em nossos dias” (EE 8)* e discernindo e escolhendo fortemente o apelo de Deus na vida cotidiana.

No entanto, vejo que um caminho possível para se ter uma ética coerente, pautada nos valores evangélicos, é importante ter uma experiência pessoal com o próprio Cristo, pois foi ele quem nos revelou que Ele é o caminho, a verdade e a vida, nos apontando um modo de ser.

Quando Jesus diz: *“Eu sou o caminho, a verdade e a vida”* (Jo, 14, 6) estes três títulos são ditos de Cristo em referência aos bens que obtemos graças a Ele, porque nos ensina a Verdade concernente à nossa vida moral, nos ensinando como seguir por este caminho que nos leva ao Pai, dando-nos Ele o próprio exemplo (1 Jo 2, 6; Jo 13, 15). É o caminho, porque, seguindo esse Caminho, obteremos a vida (12, 50), e Jesus é vida. Jesus também se revela aos pagãos, mostrando-lhes uma vida de sentido, uma vida plena. O critério para essa vida em plenitude é uma vida de fé na pessoa e aceitação dos ensinamentos de Cristo.

6. Referências Bibliográficas

AZPITARTE, Eduardo López. *Fundamentação da ética cristã*. São Paulo: Paulus, 1995.

BÍBLIA de Jerusalém. Paulus, São Paulo, 2002.

BÍBLIA do Peregrino. Paulus, São Paulo, 2000.

BINGERMER, Maria Clara & FELLER, Vitor Galdino – Deus Trindade: A vida no coração do mundo, Siquem & Paulinas, São Paulo, 2009.

CARISMA CVX e outros documentos, São Paulo: Loyola, 2005.

CODINA, Victor. *Ser cristão na América Latina*. São Paulo: Loyola, 1988.

DOCUMENTO DE SANTO DOMINGO- IV Conferência do Episcopado Latino-Americano Nova Evangelização, Promoção humana e cultura Cristã: **“Jesus Cristo ontem, hoje e sempre” - 7ª Edição: Tradução oficial da CNBB.**

GONZÁLEZ-CARVAJAL, Luis. *Nossa fé: teologia para universitários*. São Paulo: Loyola, 1992.

KONINGS, Johan – Evangelho segundo João, Amor e fidelidade, Edições Loyola, São Paulo, 2005.

SANTO INÁCIO DE LOYOLA, *Autobiografia*. Edições Loyola, SP 2000, 6ª Edição.

_____, *Exercícios Espirituais*. Edições Loyola, SP 2000.